

## Prefácio

Este livro é dedicado à memória de Machado de Assis, nosso maior escritor, cuja descrição humorística do Humanitismo no *Quincas Borba* representa a primeira contribuição brasileira importante à crítica filosófica do darwinismo. É também dedicado ao professor Edward Wilson, de Harvard, fundador da nova ciência da sociobiologia. Wilson, que bem conhece o Brasil e que muitos consideram o maior biólogo vivo, é um entomólogo que se dedicou ao estudo das formigas e dos insetos sociais em geral, extrapolando daí para a sociologia e para a defesa da biodiversidade. Tive o prazer de conhecê-lo, há alguns anos, em Boston, onde, em seu gabinete na própria universidade, mantém um laboratório de pesquisa do formigueiro com o qual convive. Sua autobiografia é extremamente interessante como exemplo da dedicação obsessiva de um cientista à sua obra. Na verdade, este livro é uma modesta tentativa de contrariar a tese de Wilson, conclusão lógica da aludida obsessão, segundo a qual a moral, o sentimento de “altruísmo” ou, em outras palavras, a ética se pode e deve sustentar sobre premissas materialistas. Como verão, não sendo um especialista em formigas e cupins, salvo como adversário das duas espécies predatórias que constantemente agridem meus livros e meu jardim, em Brasília, julgo-me no entanto com direito à crítica na base de um princípio de reciprocidade.

Do mesmo modo como Wilson parte da biologia para invadir os sagrados recintos socráticos do pensamento filosófico e sociológico, considero-me com direito à réplica. Após muito haver lido Darwin e livros sobre a teoria da evolução pelo mecanismo cego da diferenciação, hereditariedade e seleção natural — o acaso e a necessidade na fórmula sucinta de outro grande biólogo, inspirado no grego Demócrito permito-me apresentar as objeções de um leigo que se vale, igualmente, do trabalho de filósofos, *sir* Karl Popper por exemplo. Como Popper, descubro insuficiências na lógica da teoria sintética, principalmente uma tautologia. A seleção natural preserva os mais aptos. Se há seleção, os mais aptos são selecionados. Parece óbvio. Mas o que são os mais aptos? São aqueles que foram preservados. Se essa tautologia é estendida universalmente e acaba descrevendo uma necessidade mecânica, chegaríamos à constatação absolutamente fantástica, como algum inglês mais irônico e cético já propôs, que Shakespeare foi um macaco que, após um milhão de anos de tentativas estocásticas diante de uma máquina de escrever ou um computador, conseguiu escrever suas tragédias. Pode a passagem do tempo, mesmo se estimado em milhões de anos, explicar esse resultado milagroso do jogo da seleção natural?

Sabemos que o cérebro de um chimpanzé, designado cientificamente como *Pan satyrus*, nosso mais próximo primo coirmão, é bastante desenvolvido e que seu DNA pouco se distingue do DNA da espécie *Homo sapiens*. Acreditamos também, com toda razão nesta nossa época dominada pela ciência e a tecnologia, que é muito mais provável que tenhamos evoluído a partir de um macaco do que pela genealogia que nos propõe a *Bíblia*. Eu mesmo me alinho pela presunção de que tenho um macaco na minha ascendência, respeitando embora como um mito metafísico, muito valioso e interessante, a tese oposta de que somos descendentes de Adão e Eva e de que estes comeram da fruta proibida da árvore do conhecimento. Difícil certamente é conciliar o imperativo kantiano, de natureza transcendente, com a hipótese biológica. Este meu trabalho não visa a superar o que o próprio Kant considerou uma impossibilidade metafísica, mas, modestamente, a apresentar os dados do problema. Talvez surja em nosso século, ou nos vindouros, um gênio ainda maior do que Kant ou do que Darwin

para realizar essa façanha. Meu ensaio é uma simples exposição da questão, tal como hoje se coloca.

Uma coisa é certa, ou pelo menos dela estou convencido. No recesso de uma molécula microscópica de DNA está milagrosamente inserido algo como 3 bilhões de anos de um processo evolutivo que fez da Terra um pequeno planeta privilegiado. Talvez o único que, na galáxia, tenha permitido, por suas condições quase que infinitamente improváveis, a geração dos tais descendentes do *Pan satyrus*, macho e fêmea, vulgarmente batizados com o nome de Adão e Eva. O primeiro casal é membro de uma espécie notável simplesmente porque é a nossa própria, mas muito debate ainda surge na biologia quanto a saber se a espécie surgiu repentinamente, num determinado local (geralmente se pensa na África), ou se lentamente se desenvolveu através de varias espécies sucessivas de primatas. Este ensaio visa, em suma, a apresentar ao leitor, leigo curioso, uma abordagem semifilosófica da teoria da evolução proposta por Charles Darwin, respeitável e admirável inglês do século XIX. Visa também a defender, seguindo os conselhos de Edward Wilson, o mandamento de respeito pela vida do planeta e de todas as suas espécies vegetais e animais que se contam aos milhões de milhões — o respeito, em suma, que Wilson chama de *Biophilia*. Nesse respeito juntam-se as duas, historicamente, mais importantes religiões da humanidade, o judeo-cristianismo e o budismo.

Ao traçar as origens históricas da doutrina da evolução das espécies pela seleção natural, alguns críticos entusiásticos não apontado para o pensamento do grego Empédocles, que viveu de 490 a 430 antes de Cristo, e para o de Heráclito, que morreu por volta de 480.<sup>1</sup> A mitologia grega — podemos inicialmente assinalar — registra personagens e episódios que sugerem uma vaga intuição do fenômeno da evolução. Insinuam, pelo menos, a idéia de uma certa comunidade de origem do homem com toda a vida do planeta. Se é verdade que a concepção do mundo helênica comportava, essencialmente, uma crença na degenerescência ou queda da perfeição original, crença implícita no mito da Idade de Ouro, algumas lendas merecem atenção no sentido de induzirem a possibilidade de progresso na espécie humana, ou de um salto do animal para o homem. Idade de Ouro e paraíso convergem em nossa religiosidade ocidental. Degenerescência e queda; progresso e salvação, igualmente. São crenças paralelas, as primeiras de origem grega, as outras de origem judaica.

Seres meio-animais, meio-homens, existiam em abundância na mitologia grega: os centauros, as amazonas, as sereias, os sátiros, a Esfinge que procede do Egito, o Minotauro que recorda a civilização de Creta, etc. As sereias que cantaram sedutoramente aos ouvidos de Ulisses. Seres de transição. O humanismo básico da religião grega, porém, concedeu aos deuses a perfeição da forma humana, ou quase humana, em contraste com o zoomorfismo persistente nos ícones de outros povos antigos como os egípcios, os babilônios e, até hoje, os hindus. Para dizer a verdade, formas animais ainda persistem na iconografia cristã, haja visto a pomba do Espírito Santo, o cordeiro do Senhor, os símbolos dos três primeiros evangelistas.

Quaisquer que sejam as interpretações do mito do conflito entre os *lapithes* e os centauros — representa-se uma guerra com tribos da periferia da Grecia que adoravam o totem de um cavalo; ou se a festa de casamento, que deu início à sua contenda mortal, constitui a representação alegórica de algum rito de sagração real pré-histórica — o importante é o sentido simbólico do enfrentamento entre essas duas partes. Os centauros foram descritos por Homero como “bichos selvagens e peludos”.

---

<sup>1</sup> Vide OSBORN, H. E. “*From the Greeks to Darwin*”.

A etimologia de *lapith* evoca homens da Idade da Pedra Lascada: a ciência positiva moderna começa a entrar em jogo. De qualquer forma, retratado no Partenon de Atenas e motivado pelos ímpetos de agressão e sexo, seu contencioso sangrento proclama a vitória do homem (e dos deuses de forma humana), mesmo primitivo, sobre animais ou sobre homens ainda mais primitivos, os quais não haviam perdido o atavismo animal.

Um esboço de teoria da evolução parece assim surgir na antiga cultura helênica, já associada a critérios que considerariamos éticos. O mesmo não ocorre no Oriente da Ásia, dominado pelo hinduísmo e pelo budismo, este do primeiro gerado. A integração do homem na natureza viva é parte integrante da religiosidade dominante da Índia ao Japão, passando pela China, Indonésia, Malásia, Indochina, Nepal, Tibet, Birmânia e Coréia. Isso explica, a nossos olhos ocidentais, muito do comportamento e da estética nipônica. Mas não é aqui o momento de falarmos sobre as perspectivas de uma ocidentalização do budismo, que prevejo em nosso século, como contraponto da influência que nossa civilização tecnocientífica em seus meios, judeo-cristã em suas origens espirituais — crescentemente exerce sobre toda a Ásia oriental. Apenas desejamos sugerir que um novo mito para a humanidade global deverá incluir a base científica que a biologia moderna proporcionou: uma nova cosmovisão.

Em um ensaio sobre ética, em confronto com o darwinismo e a teoria sintética — que engloba a evolução pela seleção natural e a genética, teríamos de apresentar, a princípio, um quadro com os parâmetros e pressupostos do argumento. Aceito a noção do egoísmo como “pecado original” da natureza humana, tese que foi filosoficamente elaborada por Agostinho. O grande mestre da patrística colocou-o como o princípio do *amor sui*, vigente na cidade terrena, isto é, em nossa existência neste mundo, integrando-o ao majestoso edifício metafísico da *civitas Dei*. Os escolásticos desenvolveram, a partir dessa noção primária, o conceito de libido *dominandi* ou *concupiscencia inordinata*, no relacionamento elementar que é suscetível de ser transcendido pelo amor em virtude de uma graça divina.

Daí por diante, a idéia de egoísmo, de interesse egoísta ou de utilidade imediata como motivação fundamental da alma humana passaria a constituir uma vertente substancial de toda a filosofia ética, geralmente sob a forma do conceito de paixão. Com o racionalismo francês e o empirismo britânico, de Descartes, Hobbes, Berkeley, Locke, Hume e outros grandes pensadores da Iluminação, surge a base filosófica para o estudo da sociedade moderna, na perspectiva da política e da economia. A concorrência vital darwinista explicaria a concorrência política e econômica que estimula a sociedade e escrever a história. É nesse ambiente que se desenvolvem o empirismo e o utilitarismo britânicos. Nele iria naturalmente prosperar um pesquisador angustiado e fanático como Charles Darwin. Apresentar as premissas de seu pensamento é o propósito deste ensaio.